

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEGITIMIDADE DO TROTE COMO RITUAL DE PASSAGEM PÓS-MODERNA NA UNIFEI

Maris Stela do Carmo Silveira – mstela@unifei.edu.br
Instituto de Engenharia Mecânica - IEM

Paulo Fernando Ribeiro – pfribeiro@ieee.org
Instituto de Sistemas Elétricos e Energia – ISEE

Paulo Márcio da Silveira – pmsileira@unifei.edu.br
Instituto de Sistemas Elétricos e Energia - ISEE

Rita C. M. Trindade Stano – ritastano@gmail.com
Instituto de Engenharia de Produção e Gestão - IEPG

Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI
Av BPS, 1303 - Pinheirinho
37500-903 – Itajubá – MG

Resumo: *Este artigo aborda uma pesquisa efetuada na Universidade Federal de Itajubá onde alunos, professores e funcionários tiveram a oportunidade de refletir acerca do denominado “trote”, ritual de passagem que se realiza com os alunos ingressantes na universidade. Mediante um cenário nacional constantemente divulgada pela mídia, torna-se importante colocar em questão a dimensão de risco embutido nas atividades do trote recuperando e/ou recriando um ritual de entrada que se revista de sentidos para sua formação profissional e acadêmica. Assim, questões são levantadas de forma a retomar a discussão deste tema polêmico promovendo a adaptação desses jovens a um lugar que lhes exige autonomia, responsabilidade e interação com os múltiplos saberes e seus diversos sujeitos.*

Palavras-chave: *Ensino superior, Educação, Trote, Rito de entrada, Valores.*

1. INTRODUÇÃO

“A educação como experiência viva deve ser compreendida através da observação das pessoas, quando se implicam em diferentes tipos de experiências comunicativas, quando manifestam suas identidades pessoais, quando criam estruturas, rituais e símbolos que expressam seus valores e ideias”. (GOODMAN, 1992, p.44)



Toda instituição social constrói seu conjunto de valores, os seus elementos simbólicos e ritualísticos que definem sua cultura e, por isso, sua identidade. As instituições educativas, como a Universidade, também se definem por um conjunto próprio de elementos que demarcam sua especificidade no conjunto das instituições que compõem a sociedade. No espaço social instituído para o exercício da educação e responsável pela formação profissional, em seus currículos e propostas educativas encontram-se entrelaçadas as relações entre sujeitos e modos que configuram o ingresso, a permanência e saída de seus integrantes. Tais modos são elaborados no percurso histórico no qual a universidade está inserida. Este artigo é resultante de uma pesquisa efetuada numa universidade federal em que alunos, professores e funcionários tiveram a oportunidade de refletir acerca do denominado “trote”, ritual de passagem que se realiza com os alunos ingressantes nas universidades. Mediante um cenário nacional de violência, constantemente divulgada pelas mídias brasileiras, torna-se importante colocar em questão a dimensão de risco embutido nas atividades do trote realizadas na universidade. Faz-se necessário recuperar ou recriar um ritual de entrada do estudante na universidade que se revista em sentidos para se iniciar a formação profissional dos mesmos. Assim, como incorporar o trote num currículo formativo para os alunos ingressantes? E o que os integrantes da comunidade acadêmica pensam acerca deste assunto e como os mesmos percebem a questão das atividades atuais desenvolvidas e quais as que poderiam ser propostas? Buscar respostas a estas questões, bem como iniciar reflexão acerca das mesmas é o propósito deste texto.

2. RITO DE INICIAÇÃO: A ENTRADA NA UNIVERSIDADE

Para Vasconcelos (1993), o trote universitário se enquadra no que se entende por rito de passagem de margem (VAN GENNEP, 1987) devido à situação de que o sujeito, aluno, encontra-se num não-lugar, pois ainda não faz parte do grupo de adultos (é um adolescente), não está integrado a um viver universitário e está recém-saído do ensino médio. Assim, o ingressante, também chamado calouro ou “bixo”, está à margem de um processo integrador. E sua situação frágil e indefinida no universo da academia, coloca-o numa situação de vulnerabilidade, proporcional a uma pretensão de poder por parte dos alunos veteranos. E nesse (des) equilíbrio de forças entre os que “ainda não são” e os que “acham que são”, ocorrem atos que se desenrolam no limite do que pode ser considerado humilhante e degradante. Atos que se revestem de violência, algumas vezes física e sempre, simbólica. (BOURDIEU, 1989). Simbólico no sentido de que o poder exercido pelos veteranos não se enquadra no discurso oficial da instituição, entretanto, há uma dominação calada, consentida pelo silêncio institucional acerca dos atos que se realizam com (contra) os calouros fora do espaço acadêmico. É a violência simbólica que paulatinamente é internalizada pelos calouros, podendo provocar neles constrangimentos e sentimentos de inadequação. Muitas vezes, por receio das consequências, os alunos ingressantes assumem uma postura de passividade e de aceitação, calando-se frente ao que são expostos dentro e fora dos muros da universidade.

Um rito, num determinado grupo ou instituição social, tem a finalidade de preparar os sujeitos para transições que marcam aspectos de mudança do ser social. Um rito é um modo de tornar a passagem mais amena, menos tumultuada para facilitar a adaptação de seus protagonistas. Por meio do rito se vivencia simbolicamente as próprias angústias inerentes a qualquer mudança do porvir. Observa-se que o denominado “trote” já perdeu o sentido de rito

de passagem por se constituir “esvaziado de sentidos e eivado de equívocos” quanto à sua eficiência como rito. Sendo parte ou não da programação anual da universidade na intenção de receber os alunos aprovados no processo seletivo de seus cursos, de alguma forma, ocorre a acolhida. O que se questiona é o sentido atual desta acolhida e o lugar que esta tem no próprio planejamento dos cursos. Seguindo esta lógica, pode-se inquirir acerca do lugar do rito de iniciação que atualmente perpassa o próprio planejamento da academia, destacando qual o real papel e participação dos alunos veteranos nesse processo de intencionalidade que abarca (ou deve caracterizar) todo o processo educacional de uma instituição educativa.

O foco no trote e na forma como este tem sido apontado como um rito necessário de acolhida da universidade e de adaptação/integração dos calouros à vida universitária provoca a necessidade de redesenhar as concessões que tem sido feitas e as perdas sinalizadas de sentidos. Por isso, a importância de dar voz a toda a comunidade acadêmica para que por meio de seus valores e história, de sua cultura e processos de socialização, se possa retomar os sentidos perdidos de um rito que agrega, que acolhe, que facilita o viver universitário para as centenas de jovens que nela apostam o seu futuro, pois "A educação sem valores, tão útil como pode ser, parece fazer o homem um diabo mais inteligente." (LEWIS, 1943)

3. REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO

3.1 - O Olhar de um Professor: O trote imposto

Numa aula de Introdução a Engenharia Elétrica - o professor notou que desde o primeiro dia de aula um estudante (aluno ingressante) carregava um pequeno vaso com um “cacto tipo palma” em forma de cruz, ilustrado na “Figura 1”. O professor não questionou a razão por acreditar ser um motivo religioso, contudo na terceira semana soube que aquela condição era uma exigência da república do estudante. Desta forma, o professor pediu permissão para segurar o cacto e questionou a razão que o levava a carregar consigo aquele “troféu”. O estudante consentiu: era uma demanda da república e ressaltou “até o fim do ano letivo”. O diálogo se estendeu para a objetividade do fato: “aprender hierarquia”. O professor, segundo tenente da reserva do exército, diz que conhecia bem sobre a questão cujo principal objetivo era de organização e jamais de humilhação. Propôs ficar com o cacto e aguardaria os veteranos da república em seu escritório acadêmico para retomar o objeto valioso. Neste momento, o professor foi aplaudido por todos os alunos presentes. Ao notar certa ansiedade no estudante o professor propõe trocar o local do encontro para um bar central da cidade. O estudante parecia se sentir bem mais a vontade e aliviado por se livrar daquela carga demasiada.



Figura 1 – Cacto usado no trote

3.2 – Os possíveis não-sentidos do Cacto

O cacto, cuidado e transportado pelo aluno, conforme relatado pelo professor, revela o sentido que os veteranos têm impingido à vida universitária. Ou seja, ao darem destaque, por meio de uma tarefa desconfortável, à hierarquia, parecem demonstrar que os ingressantes na universidade devem apenas seguir ordens e obedecer as “autoridades”. Tal postura, não apenas atesta a necessidade de exercício de poder dos veteranos como também aponta uma atitude de subserviência acrítica por parte dos calouros. Historicamente, a universidade é vista como espaço de discussão, de liberdade de ideias e formação cidadã. Neste sentido, pois, tais tarefas agenciadas pelos alunos mais experientes da academia, negam a própria sacralidade inscrita no livre-pensar da educação superior. Zabalza (2004) destaca a importância da universidade propiciar meios e recursos para garantir a autonomia dos alunos, desde o seu ingresso a fim de garantir o aprendizado que o torne responsável pelo próprio aprender. Para o referido autor, há premência em se promover programas que incentivem a colegialidade e a integração entre os alunos. Pode-se acrescentar que tais programas devem ser planejados e executados tendo como fundamento o respeito à diversidade, a vigilância da ética e o cuidado com aquele aluno que deposita, na universidade, a confiança de aí receber uma educação de qualidade. Qualidade esta que só pode ser garantida em um ambiente de compartilhamento de valores: respeito, confiança, compaixão.

Cabe, pois aos gestores da universidade garantir uma orientação aos veteranos que perpassem os valores que embasam as atividades acadêmicas, como liberdade do pensar, autonomia no agir e responsabilidade quanto aos atos realizados. No dizer Freireano, desenvolver consciência crítica nos alunos, com rigor e amorosidade.

4. A VOZ DA COMUNIDADE UNIFEI: UMA SURVEY SOBRE O TROTE

Visando obter a opinião da comunidade UNIFEI, um questionário sobre o trote foi elaborado e o link disponibilizado por um período de 2 semanas. A “Figura 2” ilustra o formulário aplicado. O “convite” à participação da pesquisa foi realizado. Perguntas simples e diretas foram elaboradas na expectativa do envolvimento e reflexão acerca do tema abordado.



Pesquisa de opinião sobre o trote na UNIFEI

*Obrigatório

Matrícula ou SIAPE *

1- Identificação na comunidade UNIFEI *

- Aluno Ingressante
- Aluno Veterano
- Técnico-Administrativo
- Professor

2- Você concorda com a prática do trote? *

- Sim
- Não
- Indiferente

3- Quanto a natureza, o trote a seu ver tem sido: *

- Solidário
- Imposto
- Intimidador
- Festivo
- Indiferente

4- Caso concorde com o trote, a quem caberia a aplicação? *

- Comitê
- Veteranos
- Todos
- República
- Indiferente
- Contra o trote

5- Sobre os métodos , você está de acordo com: *

- Corte de cabelo
- Bebida alcoólica
- Trote solidário
- Tinta, ovo...
- Indiferente
- Contra o trote

6- Quanto a duração do trote *

- Dia da matrícula
- Primeira semana de aula
- Indeterminado
- Indiferente
- Contra o trote

Enviar

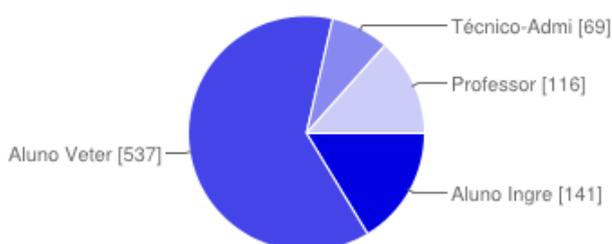
Nunca envie senhas em Formulários Google.

Figura 2 – Questionário aplicado na pesquisa de opinião na comunidade.

5. RESULTADO FINAL DA PESQUISA

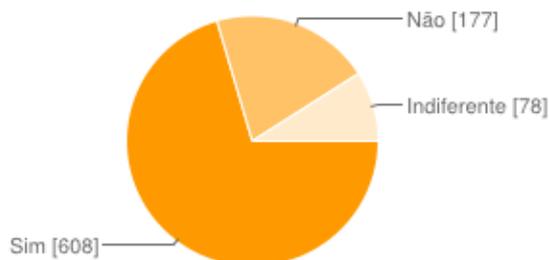
Neste contexto foram computadas 863 participações considerando toda a comunidade: alunos ingressantes, alunos veteranos, funcionários técnico-administrativos bem como os professores. A “Figura 3” ilustra as respostas na sequência com os respectivos resultados.

1- Identificação na comunidade UNIFEI



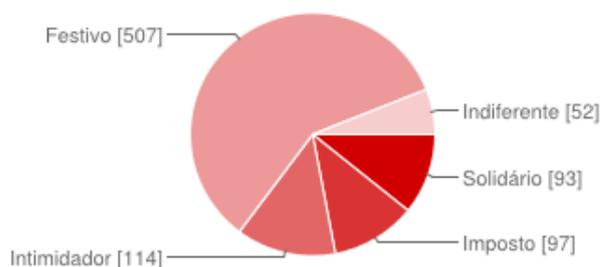
Aluno Ingressante	141	16%
Aluno Veterano	537	62%
Técnico-Administrativo	69	8%
Professor	116	13%

2- Você concorda com a prática do trote?



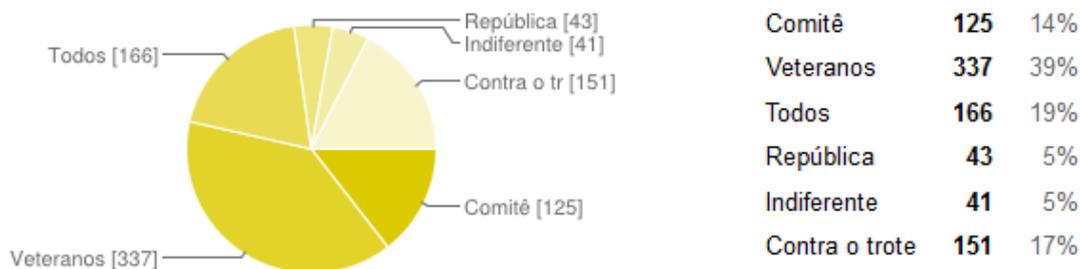
Sim	608	70%
Não	177	21%
Indiferente	78	9%

3- Quanto a natureza, o trote a seu ver tem sido:

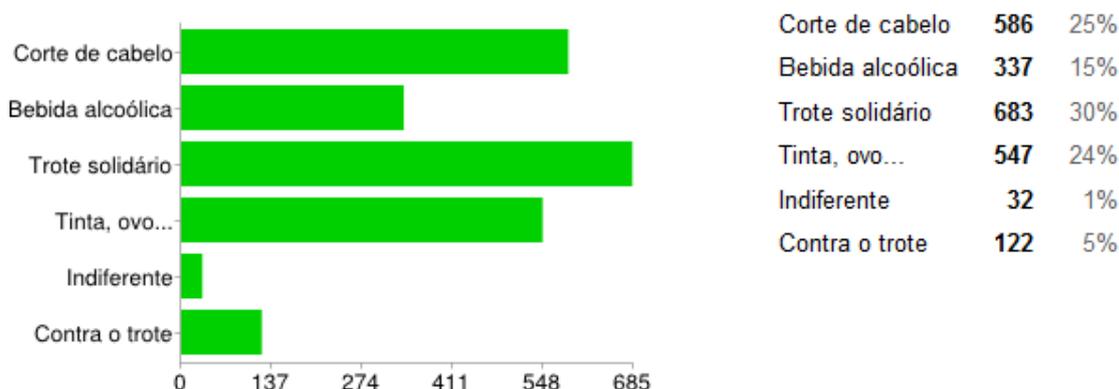


Solidário	93	11%
Imposto	97	11%
Intimidador	114	13%
Festivo	507	59%
Indiferente	52	6%

4- Caso concorde com o trote, a quem caberia a aplicação?



5- Sobre os métodos , você está de acordo com:



6- Quanto a duração do trote

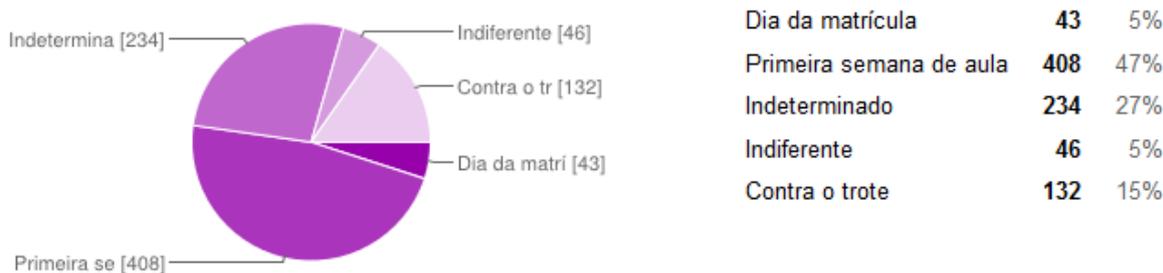


Figura 3- Resultado da pesquisa de opinião

6. ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES

Pelos dados coletados, pode-se observar a insatisfação da comunidade acadêmica em relação ao trote traduzida pela participação, considerando o caráter “voluntário” da pesquisa. Há, pois um anseio de se discutir o tema, emitir opiniões, mais do que efetivamente negar o trote como atividade acadêmica. Imbernón (2012), ao discorrer sobre os entraves ainda existentes nas atividades acadêmicas, faz referência à utopia necessária para o cumprimento dos objetivos da universidade e, para ele, a utopia se reveste do inalcançável, mas que não



pode deixar de ser buscado. Assim, não basta negar o trote ou proibí-lo, porque isso seria a negação de um acontecimento. Acontecimento porque rompe uma trajetória de subserviência, de pouca autonomia para milhares de jovens que ingressam na universidade.

Os dados apontam a necessidade de uma abordagem crítica, pedagógica acerca do trote ampliando a participação institucional num Programa de Acolhida do Aluno Ingressante (PAAI), na tentativa de diminuir a incidência de Programas paralelos de trote efetuados pelas repúblicas. Que garanta a festividade responsável para promover a adaptação desses jovens a um lugar que lhes exigirá autonomia, responsabilidade, agindo e interagindo com os múltiplos saberes e seus diversos sujeitos. Que seja um conjunto de atividades em que a alegria esteja na partilha, no debate de ideias e na participação de algum projeto social. Como espaço de formação, à universidade cabe preservar os seus ritos e garantir seu caráter pedagógico, formativo fora e dentro das salas de aulas. É no momento de ingresso do aluno que se inicia o processo de interiorização de valores que legitimam uma instituição educativa.

Que os cactos sejam cultivados no sentido de se constituir um aprendizado acerca do “cuidado-de-si” e dos elementos que permitam o seu crescimento no processo de aprendizagem. Que cresça vigoroso, saudável e que os futuros programas de trote se legitimem pela acolhida e formação cidadã e não pelo possível constrangimento que venha a provocar nos ingressantes. Que os primeiros passos, as primeiras aulas, os primeiros encontros, sejam momentos de aprendizagens significativas e que corroborem o aspecto humanizador que justifica a educação.

“Isso não significa que devemos ser perpetuamente solenes e formais. Devemos nos divertir e alegrar. Mas nossa alegria e celebrações deve ser daquele tipo que existe entre membros de uma comunidade que têm, desde o início, tomado um ao outro com seriedade - com dignidade, sem superioridade, sem presunção.” (CS Lewis)

Agradecimentos

A equipe agradece ao aluno Luís Gustavo Pádua pelo grande apoio técnico à realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

GOODMAN, N. Modos de fazer mundos. Porto: Edições Asa, 1992

IMBERNÓN, Francisco, Inovar o ensino e a aprendizagem na universidade. São Paulo, Cortez, 2012

LEWIS, CS. The Abolition of Man. 1943

VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1987.

VASCONCELOS, P. D. A violência no escárnio do trote tradicional: um estudo filosófico em antropologia cultural. Universidade federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.



ZABALZA, Miguel A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre. Artmed, 2004.

CONSIDERATIONS ABOUT THE LEGITIMATION OF INICIATION RITUALS OR HAZING IN A POST-MODERN UNIFEI

Abstract: *This article discusses a survey conducted at the Federal University of Itajubá where students, faculty and staff had the opportunity to reflect on the so-called "hazing" rite of passage that takes place with students entering the university, as is constantly reported in the Brazilian media. From this scenario, it is relevant to question the extent and risk embedded in these activities, and retrieving and / or recreating a ritual of entry that is of value for his professional and academic growth. As such, questions are raised as to resume the discussion about this controversial topic as to promote the integration of these young people to a place requiring autonomy, responsibility and interaction with multiple aspects of learning and their various subjects.*

Keywords: *Higher Education, Education, hazing, initiation rites, social moral values.*